

# UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”

## **Reitor**

Pasqual Barretti

## **Vice-Reitora**

Maysa Furlan

## **Pró-Reitor de Pesquisa**

Edson Cocchieri Botelho

## **Pró-Reitora de Pós-Graduação**

Maria Valnice Boldrin

## **Pró-Reitor de Extensão Universitária e Cultura**

Raul Borges Guimarães

## **Diretor do IBILCE**

Fernando Barbosa Noll

## **Vice-Diretor do IBILCE**

Monica Abrantes Galindo de Oliveira

## **Coordenador do PPG-Letras**

Luciene Marie Pavanelo

## **Vice-Coordenadora do PPG-Letras**

Pablo Simpson Kilzer Amorim

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “Júlio de Mesquita Filho”

## **OLHO D'ÁGUA**

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras  
da UNESP/ São José do Rio Preto

ISSN: 2177-3807

Olho d'água	São José do Rio Preto	v. 16	n. 1	p. 01-231	Jan./Jun. 2024
-------------	-----------------------	-------	------	-----------	----------------

## OLHO D'ÁGUA – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP / São José do Rio Preto

**EDITORES-CHEFES** Cláudio Aquati (UNESP); Luis Augusto Schmidt Totti (UNESP)

**EDITORIA** – v. 16, n. 1, 2024 Gentil de Faria (UNESP); Giséle Manganelli Fernandes (UNESP); Nilce M. Pereira (UNESP); Gelbart Souza Silva (UNESP)

**COMISSÃO EDITORIAL/ EDITORIAL BOARD** Cláudio Aquati (UNESP); Luis Augusto Schmidt Totti (UNESP); Gelbart Souza Silva (UNESP)

**CONSELHO CONSULTIVO/ ADVISORY COMITEE** Alvaro Luiz Hattner (UNESP); André Luís Gomes (UnB); Angélica Soares (UFRJ); António Manuel Ferreira (Universidade de Aveiro/Portugal); Aparecida Maria Nunes (UNIFAL); Cássio da Silva Araújo Tavares (UFG); Claudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP); Daiane Cristina Pereira (USP, *ad hoc*); Diana Luz Pessoa de Barros (USP/ Mackenzie); Ellen Mariany da Silva Dias (UEL); Fabio Akcelrud Durão (UNICAMP); Giséle Manganelli Fernandes (UNESP); Giuliano Lellis Ito Santos (UEPG, *ad hoc*); Jaime Ginzburg (USP); João Azenha (USP); João Carlos Vitorino Pereira (Université Lumière – Lyon 2/França, *ad hoc*); João Luiz Pereira Ourique (UFPEL); José Cândido de Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa/Portugal, *ad hoc*); José Carvalho Vanzelli (UFPR, *ad hoc*); José Luiz Fiorin (USP); Leonardo de Atayde Pereira (USP, *ad hoc*); Lúcia Granja (UNICAMP); Lúcia Osana Zolin (UEM); Luciana Namorado (Indiana University – Bloomington/EUA, *ad hoc*); Luciene Almeida de Azevedo (UFBA); Luciene Marie Pavanelo (UNESP); Luzia A. Oliva dos Santos (UNEMAT); Manuel F. Medina (University of Louisville/EUA); Márcio Scheel (UNESP); Marcos Antonio Siscar (UNICAMP); Maria Celeste Tomasello Ramos (UNESP); Maria Cristina Pais Simon (Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3/França, *ad hoc*); Marisa Corrêa Silva (UEM); Marli Tereza Furtado (UFPA); Milena Cláudia Magalhães Santos Guidio (UFSB); Mirian Hisae Y. Zappone (UEM); Nádia Battella Gotlib (USP); Orlando Nunes de Amorim (UNESP); Paulo Motta Oliveira (USP, *ad hoc*); Rejane Cristina Rocha (UFSCar); Ria Lemaire (Université de Poitiers/França); Robert J. Oaklev (University of Birmingham/Reino Unido); Rosani U. Ketzner Umbach (UFMS); Sandra G. T. Vasconcelos (USP); Sérgio Guimarães de Sousa (Universidade do Minho/Portugal, *ad hoc*); Susana Souto Silva (UFAL); Susanna Busato (UNESP); Telma Maciel (UEL); Thomas B. Byers (University of Louisville/EUA); Thomas Bonnici (UEM).

**REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA E DE LÍNGUA INGLESA; NORMALIZAÇÃO E REVISÃO DE REFERENCIAÇÃO** Gelbart Souza Silva; Cláudio Aquati.

**CAPA:** juny kp!

**INDEXADORES:** CAPES PERIÓDICOS – DOAJ – ERIHPLUS – IBICT – LATINDEX – LivRe – MLA – OAJI – REDIB

---

Revista Olho d'água / Universidade Estadual Paulista – São José do Rio Preto, UNESP, 2024

Semestral

ISSN 2177-3807

1. Literatura

---

**CORRESPONDÊNCIA DEVE SER ENCAMINHADA A: / CORRESPONDENCE SHOULD BE ADDRESSED TO:**

**Revista Olho d'água**

IBILCE – UNESP/ São José do Rio Preto

Rua Cristóvão Colombo, 2265

15054-000 – São José do Rio Preto – SP – Brasil

**E-mail:** revistaolhodagua@gmail.com

**Site:** <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua>

## Apresentação

### Um Retrato de *Ulisses* aos Cem Anos

Na eventualidade da comemoração de cem anos da obra-prima de James Joyce (1882-1941), não se celebra apenas *Ulisses*, mas a profusão de seu impacto literário e cultural em várias sociedades ao redor do mundo a partir de seu lançamento oficial, no formato de livro, em 2 de fevereiro de 1922 (com o título original *Ulysses*). Um marco do movimento modernista, suas inovações no campo da abstração e da subjetividade, na multiplicidade de técnicas e estilos e na complexa rede de interconexões que abrangem da *Odisseia* a Freud, das ciências às artes e da linguagem à industrialização, não anulam a simplicidade de sua proposta, um dia na vida de dois conhecidos que, com preocupações e objetivos distintos, entrecruzam-se no cotidiano de uma grande cidade. Mais que isso, não excluem a experiência individual como subjacente à expressão criativa. Mas *Ulisses* também coleciona seus próprios episódios de conflitos e incertezas. Tendo trilhado um caminho para lá de tortuoso na conquista de sua posição, há igualmente ao seu redor uma sucessão de histórias de luta por sobrevivência, dignas do herói aludido em sua designação.

De modo semelhante ao que ocorrera com as obras iniciais de Joyce, *Dubliners* [*Dublinenses*] (1914) e *A Portrait of the Artist as a Young Man* [*Retrato do Artista Quando Jovem*] (1916) — e que se repetiria mais tarde com *Finnegans Wake* (1939)—<sup>1</sup>, *Ulisses* foi alvo de vários tipos de censura (em particular por atentado

---

<sup>1</sup> Com a exceção de *Dubliners*, traduzido no Brasil como *Dublinenses* em todas as edições encontradas da coletânea (vejam-se, entre outras, as traduções de Hamilton Trevisan [Civilização Brasileira, 1964] ou de José Roberto O’Shea [Siciliano, 1993]), *The Portrait of the Artist as a Young Man* e *Finnegans Wake*, receberam títulos distintos a cada lançamento em português brasileiro. A primeira, por exemplo, varia entre *Retrato do Artista Quando Jovem* (como na edição traduzida por José Geraldo Vieira [Globo, 1945]) ou *Um Retrato do Artista Quando Jovem* (como traduzido por Elton Mesquita [Hedra, 2013]); e a segunda possui, ainda, uma maior variação, que inclui *Panorama do Finnegans Wake* (dos excertos dos irmãos Campos [Imprensa Oficial, 1965]), *Finnegans Wake / Finnicus Revém* (na tradução de Donald Schüler [Ateliê Editorial, 1999-2003]) ou *Finnegans Wake - Por Um Fio* (na tradução de Dirce Waltrick do Amarante [Iluminuras, 2018]) (cf. <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2011/08/joyce-no-brasil.html>). Neste texto, além de mantermos

ao pudor) e, por conseguinte, como sugerido por Carmelo Medina Casado (2002, p. 90), de atitudes cautelosas da parte de seus futuros editores, que temiam ser envolvidos em escândalos ou processos judiciais por publicação de conteúdo considerado ofensivo. Na Inglaterra, especialmente em função da *Lei de Difamação* de 1843, que (por meio do exposto em sua Quarta Seção) poderia punir com multa e/ou reclusão quem a infringisse no campo editorial (cf. Medina Casado, 2002, p. 90), várias portas se fecharam para *Ulisses*, também considerando os problemas anteriores de Joyce com a censura, iniciados já em Dublin, em 1901, com o artigo “The Day of the Rabblement” [O Dia da Balbúrdia], recusado pelo periódico *St Stephen’s Review*,<sup>2</sup> e (para citar apenas um caso) pela própria trajetória de publicação de *Dublinenses* em Londres, que, desde 1905, envolveu uma sequência de negativas e até a queima de versão impressa, somente concluída quase uma década mais tarde (cf. Medina Casado, 2002, p. 91).

*Ulisses* fora concebido como conto, em 1906, quando Joyce estava residindo em Roma, inicialmente para figurar em *Dublinenses* (Spoo, 1998, p. 636; Litz, 1967, p. 65). Não demorou para que essa ideia fosse descartada, no entanto, uma vez que, no despontar de 1907, de acordo com A. Walton Litz (1967, p. 65), Joyce já demonstrava ter decidido que *Ulisses* faria mais sentido como continuação para *Retrato do Artista*, inacabado na época, embora (talvez por essa razão) fosse trabalhar mais concretamente no projeto de *Ulisses* somente dez anos depois. De qualquer modo, com o texto adquirindo

---

*Dublinenses*, utilizaremos as opções *Retrato do Artista Quando Jovem* e *Finnegans Wake* quando nos referirmos a essas obras, daqui em diante. A propósito, informamos que, para as referências aos episódios de *Ulisses*, empregaremos aqueles como traduzidos por Bernardina da Silveira Pinheiro (Objetiva [2005]2010), que os lista a partir do “diagrama” de Joyce para os episódios, reproduzido na edição.

<sup>2</sup> O artigo, no qual Joyce criticava o teatro literário irlandês de W. B. Yeats e Lady Gregory, foi publicado, juntamente com “A Forgotten Aspect of the University Question”, de F. J. C. Skeffington (também recusado) em Dublin, em volume avulso, *Two Essays*, por Gerrard Bros., em 1901, às expensas dos autores, uma cópia do qual pode ser encontrada na Morgan Library & Museum de Nova York (cf. <https://www.themorgan.org/exhibitions/online/ulysses/day-rabblement>).

proporções de romance — e considerando suas experiências com as editoras inglesas —, é provável que o autor tivesse esperanças de um mercado mais acolhedor nos Estados Unidos. Em 1917, quando havia completado os três primeiros episódios da narrativa (Spoo, 1998, p. 636), Joyce iniciou, com o incentivo e a intermediação de Ezra Pound, as negociações para a publicação de *Ulisses*, em fascículos, na revista *The Little Review*, dirigida por Margaret Anderson e Jane Heap (cf. Joyce; Yannella, 1971, p. 394), o que se efetivou a partir de março de 1918. Concomitantemente, em Londres, Harriet Shaw Weaver, editora do periódico *Egoist*, conseguiu publicar cinco números de *Ulisses* entre janeiro e dezembro de 1919, com três episódios completos, “Nestor”, “Proteu” e “Hades”, mais o início de “As Rochas Ondulantes” (Medina Casado, 2002, p. 92).<sup>3</sup> Mas as coisas estavam ainda distantes do final esperado.

Primeiramente, nos Estados Unidos, quatro fascículos de *The Little Review* foram confiscados pelos correios norte-americanos sob a alegação de encerrarem episódios com conteúdo obsceno, “Os Lestrígonos” (em janeiro de 1919), “Cila e Caribde” (em maio de 1919), “Os Ciclopes” (em janeiro de 1920) e o número de julho-agosto de 1920, em que figurava “Nausícaa” (Medina Casado, 2002, p. 91). Além de enquadrar-se, juntamente com as edições mencionadas, na Seção 480 das *Leis e Regulamentos Postais* de 1913 (Seção 211 do *Código Penal* dos Estados Unidos), com respeito a publicações de cunho “obsceno, libidinoso ou lascivo”,<sup>4</sup> essa edição, em particular, chamou atenção das autoridades legais ao chegar às mãos da filha de um proeminente advogado de Nova York, que o considerou nesses termos. Levando o caso à Promotoria Pública, que, por sua vez, repassou-o a John Sumner, secretário da Sociedade

---

<sup>3</sup> No ano seguinte, Harriet Weaver criaria (a partir do título da revista) a editora The Egoist Press com a intenção de publicar *Ulisses* (como livro) na Inglaterra.

<sup>4</sup> Como reproduzido por Medina Casado (2002, p. 91) a partir do próprio documento: “obscene, lewd, or lascivious”.

Nova-iorquina de Prevenção ao Vício,<sup>5</sup> um mandado foi expedido contra as editoras de *The Little Review* na segunda metade desse mesmo ano, o que culminou em processo criminal julgado de 14 a 21 de fevereiro de 1921 no Tribunal de Sessões Especiais de Nova York (cf. Medina Casado, 2002, p. 91-92). Tendo lançado um total de vinte e três fascículos de *Ulisses*, com o último número de dezembro de 1920 (o que perfazia menos da metade de seus episódios), as editoras foram consideradas culpadas por publicar obscenidades, sentenciadas a pagar, cada uma, uma multa de cinquenta dólares e impedidas de seguir com a publicação do romance em sua revista (cf. Medina Casado, 2002, p. 90-91).

Não se pode afirmar que as visões políticas de Anderson e Heap tenham influenciado na decisão dos juízes<sup>6</sup> nesse caso. Apesar da origem anarquista de *The Little Review* e suas publicações de engajamento social durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918), a partir de sua fundação em Chicago em 1914, sua transferência para Nova York, em 1917, inaugurou uma fase menos radical e menos militante no que diz respeito a esses princípios (cf. La Casse, 2015). Especialmente com a parceria de Pound como editor e correspondente internacional em Londres, no mesmo ano, e, por influência desse autor, a figuração em suas páginas de nomes como William Carlos Williams, T. S. Eliot, William Butler Yeats, Wyndham Lewis, Hart Crane e o próprio Joyce, entre outros —, o periódico adquiriu uma tendência mais estética e experimental — e que em muito favoreceu o Modernismo —, embora igualmente mantendo o *slogan* “Sem Nenhum Compromisso com a Opinião Pública” (cf. La Casse, 2015). É um fato que, antes do incidente em questão, *The Little Review* tenha sido alvo de censura por motivos políticos. A apreensão pelos correios do número de

---

<sup>5</sup> Em algumas publicações e documentos o nome do órgão, The New York Society for the Prevention of Vice, é também encontrado como The New York Society for the Suppression [Extinção] of Vice.

<sup>6</sup> Richard Ellmann (1982, p. 503) aponta três juízes atuantes no processo de *The Little Review*.

outubro de 1917, apresentando o conto de Wyndham Lewis, “Cantleman’s Spring-Mate” [A Parceira de Primavera de Cantleman, sem tradução no Brasil], por exemplo, em detrimento das temáticas controversas por que fora confiscado,<sup>7</sup> deu-se abertamente por “tendência anárquica”, em razão das relações de Anderson com os anarquistas Emma Goldman e Alexander Berkman (La Casse, 2015, p. 598). O período de dois anos subsequente a esse acontecimento, no entanto, não apenas havia transformado as características de *The Little Review* (agora com patrocinadores de peso, novo *design*, novo preço, impressão em papel de qualidade, público ampliado, etc.), como estava longe de suas raízes, “promovendo um apelo aos leitores enquanto colecionadores, não atores políticos” (La Casse, 2015, p. 599, 600).<sup>8</sup>

Além disso, *Ulisses* causou um impacto distinto para a revista. La Casse (2015, p. 601) utiliza até mesmo o termo “lenda” associado a ela ao referir-se à publicação do romance, também atestando a importância da ocasião do julgamento, “em que o Modernismo rompeu as barreiras de seu pequeno círculo para desafiar o conservadorismo americano predominante”.<sup>9</sup> E some-se a isso a recusa de Joyce em alterar qualquer aspecto relacionado ao texto de *Ulisses*, como se observa no trecho a seguir, de uma de suas correspondências com Pound (enviada de Zurique, em 11 de fevereiro de 1918):

[e]nviei-lhe esta manhã o terceiro (e último) episódio de Telemaquia.<sup>10</sup>  
A grafia e construção mecânica empregada por mim devem ser

---

<sup>7</sup> “Cantleman’s Spring-Mate” pode ser encontrado no volume 4, número 6 (1917-10-01), no *website* <https://modjourn.org/journal/little-review/>, que detém todos os números de *The Little Review* (também para *download*); e Erik M. Bachman (2014) fornece uma ideia do conto ao discuti-lo à luz das representações de animalidade e do conceito de “obsceno” considerado como prática de leitura.

<sup>8</sup> Nossa tradução para [the magazine] appealed to readers as collectors, not political actors, sendo que serão igualmente de nossa autoria as traduções de todas as citações em língua inglesa empregadas no texto a partir deste ponto.

<sup>9</sup> [w]hen [M]odernism moved beyond its small circles to challenge mainstream America’s conservatism.

<sup>10</sup> “Telemaquia” é a designação da primeira parte (cantos i-iv) da *Odisseia* (cf. parte 2 da Introdução à edição comentada lançada pela Cia. das Letras [Homero, 2023]); em *Ulisses*, corresponde igualmente à primeira parte na tripartição que o autor faz da obra, “Telemaquia”, “Odisseia” e “Nostos” (cf. Platt, 1999, p. 508). Essas divisões não são inclusas no romance; compõem um quadro à parte, “Diagrama de *Ulisses*”,

seguidas pelo tipógrafo mesmo quando as palavras tiverem sido grafadas incorretamente e houver imprecisões gramaticais (Joyce; Yannella, 1971, p. 395)<sup>11</sup>;

e ainda em ocasiões como aquela em que o editor nova-iorquino B. W. Huebsch escreveu para John Quinn (advogado que havia atuado no processo de *The Little Review*), sobre não poder entrar em atrito com as autoridades publicando *Ulysses*, a menos que o texto fosse alterado em certos pontos — o que Joyce recusou-se terminantemente a fazer —, ao final, levando à recusa formal de Huebsch em publicar o romance (Spoo, 1998, p. 638; Ellmann, 1982, p. 504).

Na Inglaterra as coisas não foram muito diferentes. Medina Casado (2002, p. 91) argumenta que, embora *Ulysses* nunca tenha incorrido em processo judicial naquele país, o resultado foi o mesmo que nos Estados Unidos, com um grande desencorajamento por parte de editores e outros profissionais do setor editorial a arriscarem suas reputações no apoio a Joyce. Para o autor, mais que isso, “[a]o final de 1922 praticamente todo o universo dos falantes de língua inglesa estava unido em oposição a *Ulysses*, uma situação que levou Joyce a declarar ser merecedor do Prêmio Nobel da Paz”;<sup>12</sup> e salienta, ainda, que o romance seria confiscado e destruído pelas autoridades alfandegárias em todos os países do idioma em anos subsequentes (Medina Casado, 2002, p. 91). Esses fatos são evidenciados na Inglaterra precisamente na instância em que Weaver, empenhada em auxiliar Joyce, tentou, sem sucesso, o contato com várias editoras, incluindo a Hogarth Press de Leonard e Virginia Woolf. Nessa circunstância, em particular, embora expressando interesse pelo romance (do

---

elaborado por ele concomitantemente ao romance, no qual são listados, na forma de tabela, os episódios e seus títulos, além de símbolos, técnicas, correspondências aos episódios da *Odisseia*, etc., associados a cada um. O “Diagrama” foi primeiramente publicado em 1930 por Stuart Gilbert, em seu conhecido *James Joyce’s Ulysses: A Study* (aqui na edição de 1955).

<sup>11</sup> I sent you this morning the third (and last) episode of the Telemachia. The spelling and the mechanical construction used by me are to be followed by the printer even when words are misspelled and the grammar is at fault.

<sup>12</sup> [b]y the end of 1922 virtually the entire English-speaking world was united in opposition to *Ulysses*, a state of affairs which prompted Joyce to claim that he deserved the Nobel peace prize.

qual afirmaram ter lido os quatro primeiros episódios), os Woolfs justificaram a impossibilidade de um acordo, alegando que a prensa manual ultrapassada que possuíam levaria dois anos para concluir a impressão do livro (Medina Casado, 2002, p. 92).<sup>13</sup> <sup>14</sup> A alternativa para Joyce, assim, seria buscar amparo fora da esfera dos dois países, o que acabou acontecendo em sua conhecida parceria com Sylvia Beach.

De fato, o início da cooperação entre ambos deu-se ao acaso. Tendo deixado os Estados Unidos para iniciar o negócio dos seus sonhos, Sylvia Beach abriu a livraria Shakespeare and Company em Paris em 1919, não demorando a torná-la um reduto de escritores e artistas das duas nacionalidades e que incluía expatriados de língua inglesa residindo na cidade (cf. Beach, 1959, p. 15-33) — o que seria o caso de Joyce a partir do ano seguinte. Ambos tornaram-se amigos logo após a chegada do autor, ao serem apresentados em 11 de julho de 1920, na casa do poeta André Spire, com Joyce passando a frequentar assiduamente a livraria na sequência a esse dia (Litz, 1967, p. 64). Foi, assim, numa de suas conversas (precisamente em abril de 1921), que Joyce, desanimado com o resultado do julgamento de Nova York e sem nenhuma outra perspectiva, queixou-se a Beach de que provavelmente nunca teria o romance publicado, e em que se deu a (não menos famosa) resposta: “[v]ocê daria a honra a Shakespeare and Company de publicar o seu *Ulisses*?” (Litz, 1967, p. 68).<sup>15</sup> A surpresa de Joyce e a advertência de que supostamente ninguém compraria o livro não o impediram de um imediato “sim” (Ellmann, 1982, p. 504), o que deu

---

<sup>13</sup> Citando Richard Ellmann (1982), em sua consulta ao diário de Virginia Woolf sobre esse episódio, Medina Casado (2002, p. 92) reproduz a observação da autora de que Weaver seria “uma missionária abotoada e com luvas de lã” [‘buttoned up’ and ‘woolen-gloved’ missionary] para um livro que “pululava indecência” [reeled with indecency]; bem como a reação de Weaver ao tomar conhecimento do comentário: “[o] que há de errado com luvas de lã?” [What’s wrong with woolen gloves?].

<sup>14</sup> Não seria incoerente supor que a criação de The Egoist Press por Harriet Weaver (ver nota 3) tenha partido de recusas como essas, além do seu desejo de ajudar Joyce.

<sup>15</sup> [w]ould you let Shakespeare and Company have the honor of bringing out your *Ulysses*?

início, em meio a correspondências entusiasmadas de Beach com sua família (cf. Litz, 1967, p. 68, 69), a uma série de providências para colocar o plano em ação.

A ideia de ambos era que a publicação saísse ainda em outubro daquele ano, e, primeiramente, Beach arranhou, com a indicação e ajuda de Adrienne Monnier, para que o livro fosse impresso por Maurice Darantière, um tipógrafo de Dijon seu conhecido<sup>16</sup>, que concordou em receber a parte maior do pagamento depois de asseguradas as vendas das primeiras tiragens (Litz, 1967, p. 70). Para tanto, foi programado o envio de um prospecto promocional<sup>17</sup> a potenciais compradores, para que se comprometessem (por meio de subscrição) a adquirir uma cópia tão logo o livro fosse lançado — o que mobilizou praticamente toda a parcela dos amigos mais próximos ao autor, com Harriet Weaver fornecendo uma lista de assinantes de sua revista, Sherwood Anderson angariando interessados norte-americanos e Ezra Pound, Robert McAlmon e Sylvia Beach trabalhando em unidade como seus fiéis vendedores e propagandistas. E foi ainda empreendida a busca por patrocínio imediato, o que resultou, entre outros, no adiantamento de duzentas libras da parte de Weaver, num acordo para que *Ulysses* fosse publicado na Inglaterra (sob a sua direção) na sequência à publicação francesa (cf. Litz, 1967, p. 68-69).

Nesse ínterim, à medida que compunha os três últimos episódios do romance (Litz, 1967, p. 65),<sup>18</sup> Joyce aproveitou para efetuar várias alterações no

---

<sup>16</sup> Darantière havia realizado para Adrienne Monnier, proprietária da livraria La Maison des Amis des Livres, próxima a Shakespeare and Company, a impressão de *Cahiers des Amis des Livres* (Ellmann, 1982, p. 504), uma pequena coleção de palestras e textos de escritores modernistas proeminentes no período, lançada em 1920 — incluindo, entre outros, Paul Valéry, Luc Durtain e Valery Larbaud —, que se tornou uma fonte de divulgação do local e seu círculo de frequentadores.

<sup>17</sup> O prospecto de quatro páginas é reproduzido na íntegra no encarte de imagens entre as páginas 68 e 69 de Litz (1967) e uma cópia também pode ser encontrada no *website* da Morgan Library & Museum de Nova York: <https://www.themorgan.org/exhibitions/online/ulysses/prospectus-first-edition-ulysses>.

<sup>18</sup> Em 1915, quando se mudou de Trieste para Zurique, Joyce havia chegado ao terceiro episódio, “Proteu”, e coletado material para os episódios seguintes. Ao retornar a Trieste em outubro de 1919, tinha pronto o esboço do episódio doze, “Os Ciclopes”, e estava planejando o décimo terceiro, “Nausicaa”. E, ao chegar em Paris no início de julho de 1920 (como se viu), estava trabalhando no episódio mais longo “Circe” (no. 15), faltando, assim, a composição dos três últimos episódios, embora cujos esboços também se encontrassem prontos (Litz, 1967, p. 65).

manuscrito, mesmo em partes já publicadas em *The Little Review*. Litz (1967, p. 72) afirma que “[u]m dos objetivos de Joyce era fazer de *Ulisses* um ‘épico’, tornando-o enciclopédico, [por isso] nunca parava de enriquecer o texto com novos detalhes”.<sup>19</sup> O autor aponta que, embora Joyce tivesse em mente o esboço básico da obra, havia acumulado uma quantidade enorme de material ao longo dos anos — o qual, certamente, tivesse a intenção de utilizar —; e menciona o exemplo de “Ítaca”, que aumentou 300% em extensão, após uma série de revisões, que consistiram em, pelo menos, oito estágios. E houve ainda os episódios iniciais, igualmente ampliados para conformar-se aos finais, escritos posteriormente e já (originalmente) mais extensos (Litz, 1967, p. 72-73). As alterações acabaram por contribuir em grande medida para o atraso no lançamento do livro. Apesar da relevância de fatores como a saúde de Joyce (cujos problemas de visão numa ocasião nesse período o incapacitaram por cinco semanas), sua própria falta de uma residência fixa em Paris e até mesmo a mudança de endereço de Shakespeare and Company,<sup>20</sup> que, além do dispêndio monetário, consumiu uma grande porção de tempo (Litz, 1967, p. 72), os acréscimos e o interminável remodelamento do texto comprometiam o aspecto basilar da publicação.

Vários detalhes concernentes a ela ligavam-se direta ou indiretamente ao trabalho manuscrito empreendido por Joyce. Litz aponta, por exemplo, que a datilografia dos episódios, por sua complexidade, exigia extremo cuidado das pessoas contratadas para tanto, não sem uma medida extra de dificuldade em função das características do texto. O “conteúdo” tampouco passava incólume. O autor relata, entre outros, o caso do marido de uma das datilógrafas, que se sentiu tão ultrajado pelas “indecências” descritas em “Circe”, que rasgou e

---

<sup>19</sup> [o]ne of Joyce’s aims was to make *Ulysses* “epic” by making it encyclopedic, [...] [for that purpose] he never ceased to enrich the text with new details.

<sup>20</sup> Da rua Dupuytren, 8 para dependências mais amplas na rua de l’Odeon, 12, no mesmo bairro.

queimou várias páginas do manuscrito, fazendo com que Joyce (sem nenhuma outra cópia) tivesse de recorrer aos originais americanos, vendidos a John Quinn, e, além de negociar pelos quais um preço cabível, perder mais tempo até que as fotocópias chegassem a Paris (Litz, 1967, p. 72). Havia ainda o extenso trabalho de revisão, a maior parte do qual feito nas próprias páginas impressas (e nas quais Joyce também na maior parte das vezes empreendia os acréscimos), com a diagramação tendo conseqüentemente de ser refeita — embora Litz ateste sobre a paciência e o profissionalismo de Darantière nesse sentido, sempre retornando as provas a Joyce no espaço de dias (Litz, 1967, p. 73). Ao final, de acordo com esse autor, datilógrafas eram recrutadas de todas as partes e até Robert McAlmon viu-se colocando na ordem as páginas de “Penélope” e organizando os calhamaços de texto “bruto” na tentativa de ajudar (Litz, 1967, p. 72).

Não seria imponderado afirmar que esses problemas eram mínimos levando em conta as circunstâncias e, em particular, a natureza do texto de Joyce. Tanto é assim que, adiado o lançamento do livro de outubro de 1921 para o ano seguinte, antes do final daquele ano, em 7 de dezembro, foi planejada uma palestra, a ser ministrada por Valery Larbaud, durante a qual seriam lidos trechos da obra (e publicada sem as citações na revista *The Nouvelle Revue Française*, dirigida por Jacques Rivière), que, além de bem-sucedida, angariou uma “enxurrada” de pedidos antecipados a Shakespeare and Company (Litz, 1967, p. 73; Ellmann, 1982, p. 523). O lançamento em si foi igualmente épico: movido pela crença de que suas obras possuísem uma estreita ligação com aniversários, e às vésperas de seu próximo, em que completaria quarenta anos, Joyce — não sem uma dose de tortura, seguramente — impôs a si mesmo o término das revisões, enviando as últimas páginas revisadas a Darantière em 30 de janeiro de 1922. Com a capa definida desde o início daquele mês, uma

nuance de azul semelhante à da bandeira da Grécia, que encomendara à artista Myron Nutting (visto pertencer àquele país o herói homenageado em seu romance), coube a Darantière dar conta do desafio, o que fez com a propriedade de sempre. Às sete horas da manhã do dia 2 de fevereiro de 1922, Sylvia Beach coletava na estação o pacote despachado de Dijon, mais cedo, na madrugada daquele dia, no trem expresso: duas cópias de *Ulysses*, que Joyce segurava minutos depois em suas mãos.<sup>21</sup>

Acima de tudo, ao que consta, as mil cópias planejadas para a tiragem inicial (sendo 100 cópias em papel da Holanda, assinadas pelo autor e a serem vendidas por 350 francos, 150, em papel vergê, pelo valor de 250 francos, e as restantes 750, em papel de linho, a 150 francos [cf. Ellmann, 1982, p. 504]), listadas no prospecto, esgotaram-se com rapidez de relâmpago. Se as encomendas fracas a princípio (cf. Ellmann, 1982, p. 517-518) ou objeções como as de Shaw, que respondeu ao anúncio afirmando que *Ulysses* compunha “um registro revoltante de uma fase repugnante da civilização” e que “se estivessem pensando que algum irlandês, principalmente com mais idade, fosse pagar 150 francos por um livro, pouco sabiam sobre [seus] conterrâneos” (Ellmann, 1982, p. 506-507), desanimaram Joyce de algum modo,<sup>22</sup> numa carta a sua tia (sra. Murray) do final de outubro de 1922, reproduzida por Richard Ellmann (1982, p. 538), o autor menciona as vendas totais da primeira edição já anteriormente a

---

<sup>21</sup> Ellmann (1982, p. 524) relata que Beach entregou uma das cópias a Joyce, ficando com a outra, que, colocada em exibição em sua livraria, atraiu uma multidão de pessoas, que se aglomeraram para vê-la do início ao final do expediente. Joyce levou a sua cópia embrulhada em um pacote ao restaurante italiano onde jantou com a esposa Nora Barnacle e amigos. Com ar melancólico e sem ter comido nada, abriu com hesitação o pacote a pedido dos presentes, depois da sobremesa, colocando-o sobre a mesa e recebendo brindes pelo aniversário de nascimento dele próprio e do livro.

<sup>22</sup> De fato, o episódio foi uma diversão para Joyce, que havia apostado com Sylvia Beach uma caixa de sua marca predileta de charutos contra um lenço de seda, que Shaw não encomendaria o livro — ganhando a aposta, naturalmente (cf. Litz, 1967, p. 71; Ellmann, 1982, p. 507).

essa data<sup>23</sup> e novas edições referidas no mesmo ano de 1922 (cf., por exemplo, Ellmann, 1982, p. 542) revelam o êxito da publicação.

É também o caso que, pelo “andar da carruagem”, Joyce devesse estar preparado para vários tipos de recepção a *Ulysses*, principalmente da parte de escritores e intelectuais do período — que não os de seu círculo de amizades. Opiniões favoráveis como as de Ernest Hemingway, de que o livro era “fantástico”, ou de Yeats, que reviu a sua avaliação anterior (de que se tratava de um livro “maluco”), expressando a L. A. G. Strong que havia cometido um erro, que *Ulysses* fosse “talvez a obra de um gênio” [...] “uma coisa inteiramente nova — nada que o olho [tivesse] visto ou o ouvido, ouvido, mas o que a mente divagadora [pensava] e [imaginava] de momento a momento” (Ellmann, 1982, p. 529, 530-531)<sup>24</sup> não amenizaram comentários negativos, incluindo, entre vários outros, os do pai de Joyce e da sra. Murray, que se escandalizaram e reprovaram o livro.<sup>25</sup> E críticas como as de Gertrude Stein ou de T. S. Eliot, ao passo que reconheciam as qualidades de Joyce, de certa forma, levavam a pensar sobre as contribuições de *Ulysses* para a literatura.<sup>26</sup> Para citar o exemplo de Eliot, em uma conversa com Virginia Woolf (que seguia com a sua opinião de que a obra era “vulgar”), o autor afirma, nas palavras de Ellmann e suas próprias, que “Joyce havia matado o século XIX, exposto a futilidade de todos os estilos e destruído seu próprio futuro [e que] [n]ão havia sobrado nada a respeito de quê pudesse escrever”; mas acrescenta que “o livro não trouxe nenhum *insight* sobre a natureza humana como fez *Guerra e Paz*”, que “Bloom

---

<sup>23</sup> Carmelo Medina Casado (2002, p. 92) especifica que a primeira edição já estava esgotada no verão de 1922.

<sup>24</sup> It is a work perhaps of genius. [...] It is an entirely new thing—neither what the eye sees nor the ear hears, but what the rambling mind thinks and imagines from moment to moment.

<sup>25</sup> Ellmann (1982, p. 530) conta que a sra. Murray chegou a doar o livro, pois não o queria dentro de casa.

<sup>26</sup> Gertrude Stein reconhecia o valor de Joyce, classificando-o como um “bom” escritor, que “havia feito alguma coisa”; mas via-o como uma ameaça ao experimentalismo do qual se considerava pioneira, relegando a influência do autor como local e chegando a acrescentar que seu livro, *Three Lives*, publicado em 1908, e ela própria haviam surgido muito antes (Ellmann, 1982, p. 528-529).

não diz nada a ninguém” e o “novo método de apresentar a psicologia demonstra [...] não funcionar: [d]iz o mesmo que diria uma olhada superficial [para alguma coisa] do lado de fora” (Ellmann, 1982, p. 528).<sup>27</sup> Ellmann afirma que, ironicamente, a fama que Joyce alcançara era uma “*gloire de cénacle*”, mesmo que o “*cénacle*” agora comportasse um grande número de pessoas:

[t]er lido *Ulisses* ou partes dele tornou-se uma marca do expatriado culto. O saturnino *Retrato do Artista* levou os críticos a supor que, em *Ulisses*, Joyce estivesse castigando a sociedade moderna com rigor swiftiano; Bloom tornou-se uma nulidade ligeiramente depravada; sua esposa, uma prostituta totalmente depravada. A ênfase de Joyce na conversa em seu meio literário levou à crença injustificada na indiferença anti-humanista do livro. [...] O fato que Larbaud havia esclarecido ao comparar Joyce a Rabelais, que *Ulisses* era uma *comédie humaine*, era seguido com menos frequência (Ellmann, 1982, p. 527).<sup>28</sup>

A personalidade de Joyce não fica longe de ter contribuído para visões desfavoráveis de *Ulisses*. Conta-se que, na sequência ao lançamento, o autor tivesse pedido a conhecidos uma resenha do livro e, em várias ocasiões, demonstrando-se ansioso e inconveniente, enviando-lhes cópias, propondo frases e até mesmo indicando para onde os textos deveriam ser enviados. Ellmann (1982, p. 531-532) relata, entre outros, os casos em que Joyce “importunou” Harriet Weaver para que descobrisse se o Museu Britânico possuía um exemplar ou para que sugerisse a Eliot que escrevesse uma resenha — a que o autor se negou, alegando estar impossibilitado nos meses

---

<sup>27</sup> Joyce had killed the nineteenth century, exposed the futility of all styles, and destroyed his own future. There was nothing left for him to write another book about. [...] the book gave no new insight into human nature such as *War and Peace* did [...]. “Bloom tells nothing. Indeed, this new method of giving the psychology proves [...] that it doesn’t work. It doesn’t tell as much as some casual glance from outside often tells”.

<sup>28</sup> To have read *Ulysses*, or parts of it, became the mark of the knowledgeable expatriate. The saturnine *A Portrait of the Artist* led critics to suppose that Joyce was castigating modern society in *Ulysses* with Swiftian rigor; Bloom became a slightly depraved nonentity, his wife a wholly depraved whore. Joyce’s emphasis in conversation on his literary means led to an unwarranted belief in the book’s anti-humanist indifference. [...] The fact which Larbaud had clarified in comparing Joyce to Rabelais, that *Ulysses* was a *comédie humaine*, was less often pursued.

subsequentes — ou, ainda, a resposta de McAlmon a um desses pedidos, de que estava a ponto de “atirar o livro pela janela”. E o autor descreve a exasperação de Joyce, reclamando de que não tivesse havido nenhuma requisição da parte de seus amigos de Trieste, atribuindo os atrasos no aparecimento das resenhas à extensão do livro e concluindo, de modo precipitado, que certamente houvesse um boicote a ele e a *Ulisses*.

Ainda em 1922, e continuando a envolver as preocupações de Joyce com essa questão, houve até mesmo um estremecimento em suas relações com Sylvia Beach. De acordo com Ellmann (1982, p. 541), em uma ocasião, logo depois de retornar de Nice, Joyce solicitou a Beach que providenciasse uma terceira edição de *Ulisses* e verificasse com um grupo de críticos (que incluía os nomes mais óbvios de Pound, Eliot e Hemingway, e outros como os de Linati, Colum, Benco, Ford Madox Ford, Charles du Bos, Jaloux, George Slocombe, J. C. Squire, Aldington, Muriel Ciolkowska, Kate Buss e S. P. B. Mais) se algum deles tinha publicado alguma resenha do livro em algum lugar. Partidário da opinião de que a causa imediata da desavença fosse o primeiro pedido, Ellmann reproduz parte da resposta de Beach de que

não estava interessada em “agir às pressas ou forçar a barra para promover o livro” e, com menos convicção, que havia sido advertida de que a segunda edição imitava a primeira tão de perto, que poderia sujeitá-la a uma ação judicial por publicar uma primeira edição disfarçada (Ellmann, 1982, p. 541).<sup>29</sup>

Ellmann também cita a argumentação de Beach com respeito ao desejo de Joyce de publicar um artigo, de que, considerando os rumores sobre *Ulisses* e seu autor, em circulação no período, seria prudente que nada referente a

---

<sup>29</sup> [she] was not interested in “rustling to boom the book,” and, with less conviction, that she had been warned that the second edition imitated the first so closely that it might subject her to court action for publishing a bogus first edition. Ellmann (1982, p. 541) afirma que a resposta de Beach foi dada a Joyce por carta, mas suas citações são extraídas do relato de Joyce sobre ela, numa outra carta (de 17 de novembro de 1922) a Harriet Weaver.

quaisquer dos dois aparecesse em nenhum veículo por aquele momento (Ellmann, 1982, p. 541-542); e, por fim, a explicação de Joyce à amiga de que “a segunda edição estava corretamente identificada em dois lugares” [no volume], [o que podia ser comprovado por] “uma carta de Darantière assegurando-lhe que nenhuma lei havia sido violada” (Ellmann, 1982, p. 542).<sup>30</sup> Mas Ellmann não deixa de sugerir que (apesar de Beach ter-se acalmado) o episódio tenha “aberto caminho” para desavenças posteriores entre ambos (Ellmann, 1982, p. 542).

A despeito dessas conclusões, talvez os problemas mais sérios de Joyce o aguardassem nos Estados Unidos, e que se desdobravam em duas vertentes. Primeiro, em parte como consequência da proibição imposta a *Ulisses* no país, a obra encontrava-se desprotegida com relação a direitos autorais. De acordo com Robert Spoo (1998, p. 637), na época da publicação em *The Little Review* somente os quatro primeiros números foram registrados no órgão norte-americano de proteção à propriedade intelectual;<sup>31</sup> e Joyce tampouco havia feito o registro da edição francesa nos Estados Unidos (Spoo, 1998, p. 648), o que automaticamente colocava a obra em domínio público. No caso de *The Little Review*, mesmo se os vinte e três fascículos a serializarem *Ulisses* tivessem sido registrados, Spoo (1989, p. 637) afirma que os direitos autorais não apenas cobriam essas edições de modo generalizado (ou seja, abrangendo outros textos publicados conjuntamente aos episódios do romance) como eram nominais a Margaret Anderson, não havendo nenhuma cláusula que especificasse a cessão de direitos a Joyce e/ou a seus descendentes. E o autor acha razoável inferir, com respeito a Joyce não ter realizado o depósito da cópia de *Ulisses* nos Estados Unidos, que estivesse receoso de que, em virtude da condenação por obscenidade de 1921, o livro não passasse pelo rigoroso controle alfandegário,

---

<sup>30</sup> [He pointed out that] the second edition was properly identified in two places, [and showed Sylvia Beach] a letter from Darantière assuring him that no law had been violated.

<sup>31</sup> A denominação do órgão é Copyright Office, Agência de Direitos Autorais em tradução literal.

ou pelos correios ou pelo próprio órgão de registro, que o poderia reprovar e negar-lhe o registro pelo mesmo motivo (Spoo, 1998, p. 648). De qualquer modo, a vulnerabilidade de *Ulisses* no mercado americano fez com que, em 1926, um editor de Nova York chamado Samuel Roth iniciasse a publicação serial não autorizada do livro em sua revista *Two Worlds Monthly* (sordidamente) alterando e “expurgando” várias passagens para driblar a censura,<sup>32</sup> o que causou intensas dores de cabeça a Joyce.

Em se tratando que (como se viu) os direitos autorais dos episódios publicados em *The Little Review* estavam no nome de Margaret Anderson, que nem todos os números haviam sido registrados e que, no caso de Joyce mover uma ação por infração desses direitos, tivesse de fazê-lo no sentido generalizado dos fascículos individuais registrados — motivos que igualmente inviabilizavam uma ação direta nos mesmos termos contra Samuel Roth, uma vez que *Ulisses* não gozava de direitos autorais para tê-los infringidos —, Joyce primeiramente idealizou um manifesto, elaborado em Paris por Archibald MacLeish e Ludwig Lewisohn com data de 2 de fevereiro de 1927 e intitulado “Protesto Internacional” (Medina Casado, 2002, p. 93), no qual eram denunciados os abusos cometidos a textos desprotegidos por direitos autorais, como o seu, e a inequidade da lei americana ao permitir tais tipos de “apropriação” de “propriedade” (Spoo, 1998, 641). Assinado por 167 escritores, artistas e outras figuras do cenário intelectual (cf. Medina Casado, 2002, p. 93), o documento precedeu uma ação propriamente dita contra Roth, pelo uso indevido do nome de Joyce sem lhe pagar dividendos (o dispositivo legal encontrado pelos advogados do autor, em vista das razões que acabaram de ser expostas), julgada em 27 de fevereiro de 1928, com ganho de causa para Joyce e

---

<sup>32</sup> A censura continuava a agir de modo contundente contra *Ulisses*, também proibindo a importação da publicação francesa. O confisco de quinhentas cópias dessa edição pelas autoridades alfandegárias na segunda metade de 1922 (Spoo, 1998, p. 640) foi, no entanto, uma evidência da demanda pela obra no mercado americano, embora igualmente fomentando a pirataria, o que acabou sendo o caso.

Roth devendo suspender a publicação — embora tenha conseguido lançar um total de doze números até outubro de 1927 (Medina Casado, 2002, p. 93).<sup>33</sup>

Essa vitória abriu caminho para novas medidas legais que, dessa vez, anulassem a condenação imposta a *Ulysses* nos Estados Unidos, o que começou a ocorrer numa estratégia elaborada pela editora Random House, na pessoa de seu dirigente Bennett Cerf, e o advogado Morris L. Ernst, notável por suas lutas contra a censura. De acordo com ela, a editora importaria uma cópia francesa de *Ulysses* que, ao ser (presumivelmente) apreendida pelas autoridades alfandegárias, daria início a uma contestação de sua parte, o que forjaria a reabertura do processo contra a obra. Tudo tendo corrido como previsto, o volume chegou aos Estados Unidos em maio de 1932, o processo foi reaberto e, em 25 de novembro de 1933, o novo julgamento, “United States v. One Book Called *Ulysses*” [Estados Unidos x Um Livro Chamado *Ulysses*] teve início no Tribunal Distrital Sul de Nova York, sob a presidência do juiz John M. Woolsey, tendo o livro como autor e o governo americano como réu (Medina Casado, 2002, p. 93). A sentença sendo igualmente conhecida (e inovadora) no meio literário, *Ulysses* foi julgado em quatro esferas, envolvendo, em particular, o conceito de “obsceno” na literatura, nas leis e na sociedade americana (cf. Medina Casado, 2002, p. 93-94) e considerado “inocente” nas quatro. Para Woolsey, que alegou ter lido o livro todo uma vez e várias vezes as passagens alvo da censura, era preciso diferenciar o intuito pornográfico (ou seja, o propósito da obra de explorar a obscenidade por si ou incitar os impulsos sexuais dos leitores) do “comentário um tanto trágico e muito potente do universo interior de homens e mulheres” (Medina Casado, 2002, p. 96),<sup>34</sup> concluindo ser esse último o caso de *Ulysses*, revertendo o decreto contra a obra e tornando-a apta a ser admitida definitivamente nos Estados Unidos.

---

<sup>33</sup> Spoo (1998, p. 640) afirma ter sido quatorze o número de fascículos de *Ulysses* publicados por Roth.

<sup>34</sup> [that of] a somewhat tragic and very powerful commentary on the inner lives of men and women.

Certamente a história de *Ulisses* mal havia começado: como apontado por Spoo (1998, p. 654), minutos após o anúncio da decisão de Woolsey (em 6 de dezembro de 1933), os tipógrafos da Random House já estavam trabalhando na primeira edição americana “legítima” e “regularizada” do romance, devidamente depositada para o registro de direitos autorais e publicada no início de 1934, e que, por si, possui uma trajetória de episódios que reverberam na própria condição de *Ulisses* como obra novamente em domínio público no século XXI. E havia *Ulisses* na Inglaterra, cuja primeira edição fora produzida em Paris por John Rodker a partir das chapas de estereótipos originais da edição francesa de Shakespeare and Company e lançada no final de 1922 pela The Egoist Press de Harriet Weaver (como era o seu desejo), embora considerada como tal apenas em 1936, quando, suspendendo-se a sua proibição igualmente naquele país, o livro foi impresso e publicado em Londres por Bodley Head. Há, de fato, muitos *Ulisses* e muitas histórias a seu respeito, suas edições, traduções para outras línguas — que, a propósito, começaram a surgir em 1929 (cf. Medina Casado, 2010)<sup>35</sup> e, em cada uma, suas conquistas e prejuízos. Há universos particulares de *Ulisses*, que, ao ser explorados, implodem-se em si mesmos ou derramam-se em outros, absorvendo-os e amalgamando-se com eles em extensas (e infinitas) redes de interconexões.

E é assim que abordar *Ulisses* é embrenhar-se nessas tramas e, igualmente, compor mosaicos, tecer pequenas colchas de retalhos que, ao final, se projetam como reflexos de seu caleidoscópio de informações. É o caso deste próprio relato — ainda que ridiculamente sucinto em nossas palavras — e dos trabalhos que ora se apresentam em pequenas peças de sua vultosa estrutura. Eles são originários da disciplina “*Ulisses: Cem Anos*”, idealizada pelo

---

<sup>35</sup> Antes dessa data, Jacques Benoïste-Méchin havia traduzido para o francês, com revisão de Léon-Paul Fargue, o episódio de “Penélope”, a ser lido no evento de 7 de dezembro de 1921 de promoção do livro (cf. Ellmann, 1982, p. 521-522).

professor Gentil de Faria e ministrada, no segundo semestre de 2022, por ele e pelas professoras convidadas Giséle Manganelli Fernandes e Nilce M. Pereira, no Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) em São José do Rio Preto. No curso, abordaram-se aspectos gerais de *Ulisses* e, por meio da leitura minuciosa de trechos selecionados nos dezoito episódios, detalhes interpretativos e de crítica do romance. Foi também discutida a influência de *Ulisses* sobre outras obras, como se viu no caso de *Cosmópolis* (2003), de Don DeLillo,<sup>36</sup> e, ainda, a relação de *Ulisses* com a ilustração literária, em cuja ocasião foram produzidas ilustrações de cenas variadas do livro pelos participantes. Composto dez artigos neste volume especial de *Olho d'água*, os trabalhos, por sua vez, desenvolvem-se como segue.

Nos cinco primeiros artigos, o professor **Gentil de Faria** traz referências pertinentes ao texto da *Odisseia* no romance de Joyce, cotejando-as com cinco traduções para a língua portuguesa, a saber, três realizadas por brasileiros e, duas, por portugueses. Essas traduções certamente contribuíram para os estudos de Joyce no Brasil e em Portugal. **Juliana Rissi Ferreira Bocutti de Almeida** trabalha com a polêmica questão jurídica que envolveu a publicação de *Ulisses* nos Estados Unidos. Por sua vez, **Erica Carine Lima Zafalon** parte do adultério cometido por Molly Bloom para desenvolver seu trabalho acerca das alterações do Direito Penal no tocante ao adultério no Brasil, desde a época em que era considerado um delito até sua descriminalização. **Bruno Camargo Romanelli** evidencia relações multidisciplinares do texto de *Ulisses* com a filologia, a filosofia e a estética. Utilizando-se de psicólogos e psicanalistas, e tomando o fluxo de consciência como ponto de partida, **Henrique José Rosa**

---

<sup>36</sup> A edição brasileira, *Cosmópolis*, foi lançada no mesmo ano pela Cia. das Letras com tradução de Paulo Henriques Britto.

**Pelicano** analisa mecanismos de defesa realizados por Bloom no episódio oitavo, tais como a esquiva e a fuga.

Na sequência, **Thaís Freire Roberto**, em seu artigo, investiga os temas morais presentes no décimo segundo episódio de *Ulisses*, retratando o Cidadão e seu nacionalismo extremo como forma marcante do pensamento da sociedade irlandesa no início do século XX. O estudo destaca o pacifismo de Bloom. Em uma comparação dos monólogos de Molly Bloom, em *Ulisses*, e de Sethe, Denver e Beloved, em *Beloved*, de Toni Morrison, **Ana Leticia Sanches Silva** examina o fluxo de consciência presente em passagens de ambas as obras e as consequências dessa estratégia narrativa para a representação das personagens em foco. Por meio de uma abordagem mítica de “Penélope”, **Gelbart Souza Silva** traz à baila uma análise de Molly Bloom e sua inversão em relação à Penélope. **Amanda Miotto** realiza uma leitura do episódio X, “Rochedos Errantes” em sua versão, explorando as multifaces de Dublin e de suas personagens. **Nilce M. Pereira** aborda as ilustrações de Henri Matisse para a primeira edição ilustrada *Ulisses*. Deve ficar assim: Destacam-se, em particular, a capa, elaborada por **juny kp!**, em sua expressão do autor e sua obra centenária; e a última sessão, também assinada pelo artista, que finaliza o volume em sua leitura artística do episódio XI, “As Sereias”. É o desejo dos organizadores, a quem representamos nesta apresentação, que *Ulisses* seja apreciado levando em conta esses aspectos e por meio de seus desdobramentos em cada um dos trabalhos.

Nilce M. Pereira  
Giséle Manganelli Fernandes  
Universidade Estadual Paulista - SJRP

## Referências

BACHMAN, Erik M. How to Misbehave as a Behaviourist (If You're Wyndham Lewis). *Textual Practice*, Vol. 28, No. 3, 2014. p. 427-451.

BEACH, Sylvia. *Shakespeare and Company: The Story of an American Bookshop in Paris*. Nova York: Harcourt Brace, 1959.

DELILLO, Don. *Cosmopolis*. Nova York: Scribner, 2003.

DELILLO, Don. *Cosmópolis*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

*EGOIST, The* [periódico - 1914-1919]. Direção de Harriet Shaw Weaver. Londres: The New Freewoman Ltd. Disponível em <https://modjournal.org/journal/egoist/>. Acesso em 20 dez 2024.

ELLMANN, Richard. *James Joyce: New and Revised Edition*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

GILBERT, Stuart. *James Joyce's Ulysses: A Study*. Nova York: Vintage Books, 1955.

HOMERO. *Odisseia: Edição Comentada*. Tradução, notas e comentários de Frederico Lourenço. São Paulo: Cia. das Letras, 2023.

JOYCE, James. *Dubliners*. 1.ed. Londres: Grant Richards, 1914.

JOYCE, James. *A Portrait of the Artist as a Young Man*. Nova York: B. W. Huebsch, 1916.

JOYCE, James. *Ulysses*. 1.ed. Paris: Shakespeare and Company, 1922.

JOYCE, James. *Ulysses*. Published for the Egoist Press, London by John Rodker, Paris, 1922.

JOYCE, James. *Ulysses*. 1.ed. Nova York: Random House, 1934.

JOYCE, James. *Ulysses*. 1.ed. Londres: John Lane The Bodley Head, 1936.

JOYCE, James. *Finnegans Wake*. 1.ed. Londres: Faber and Faber, 1939.

JOYCE, James. *Ulisses* [recurso digital]. Tradução de Bernardina da Silveira Pinheiro; seleção, elaboração e tradução das notas de capítulos de Flavia Maria Samuda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

JOYCE, James; YANNELLA, Philip R. James Joyce to “The Little Review”: Ten Letters. *Journal of Modern Literature*, Vol. 1, No. 3, 1971. p. 393-398.

LA CASSE, Christopher. J. From the Historical Avante-Garde to Highbrow Coterie Modernism: *The Little Review's* Wartime Advances and Retreats. *Criticism*, Vol. 57, No. 4, 2015. p. 581-608.

LITTLE REVIEW, *The* [periódico - 1914-1922]. Direção de Margaret C. Anderson. Chicago: Margaret C. Anderson. Disponível em <https://modjourn.org/journal/little-review/>. Acesso em 20 dez 2024.

LITZ, A. Walton. The Last Adventures of “Ulysses”. *The Princeton University Library Chronicle*, Vol. 28, No. 2, 1967. p. 63-75.

MEDINA CASADO, Carmelo. Legal Prudery: The Case of “Ulysses”. *Journal of Modern Literature*, Vol. 26, No. 1, 2002, pp. 90-98.

MEDINA CASADO, Carmelo. The Earliest Translations of Joyce’s *Ulysses*. *Papers on Joyce*, Vol. 16, 2010. p. 81-91.

*Não Gosto de Plágio* [blog]. “Joyce Traduzido no Brasil”. Disponível em <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2011/08/joyce-no-brasil.html>. Acesso em 20 dez 2024.

PLATT, Len. Corresponding with the Greeks: An Overview of “Ulysses” as an Irish Epic. *James Joyce Quarterly*, Vol. 36, No. 3, 1999. p. 507-523.

SKEFFINGTON, Frances J. C.; JOYCE, James. Two Essays: “A Forgotten Aspect of the University Questions” and “The Day of the Rabblement”. Dublin [printed for the authors by]: Gerrard Bros., 1901. The Day of the Rabblement. The Morgan Library & Museum, gift of Sean and Mary Kelly, 2018; PML 197770. Disponível em <https://www.themorgan.org/exhibitions/online/ulysses/day-rabblement>. Acesso em 20 dez 2024.

SPOO, Robert. Copyright Protectionism and Its Discontents: The Case of James Joyce’s “Ulysses” in America. *The Yale Law Journal*, Vol. 108, No. 3, 1998. p. 633-667.

*Subscriber’s Bulletin for Ulysses by James Joyce*. Paris: Shakespeare and Company, [1921]. The Morgan Library & Museum, gift of Sean and Mary Kelly, 2018; PML 197831-32. Disponível em <https://www.themorgan.org/exhibitions/online/ulysses/prospectus-first-edition-ulysses>. Acesso em 20 dez 2024.